

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

Débora Cristina de Araujo*

A obra em questão cumpre com o objetivo que anuncia: realizar uma “revisão introdutória, mas não superficial” sobre a Análise de Discurso Crítica. Um dos méritos do livro organizado por Viviane de Melo Resende¹ e Viviane Ramalho² (2006) é que a apresentação de aspectos da ADC busca a interlocução com as Ciências Sociais. Contribuições de autores(as) diversos são apontadas ao longo do texto, mas o foco argumentativo (e, poderíamos afirmar, que dá unidade ao livro) são as proposições do pesquisador Norman Fairclough para a Análise de Discurso Crítica (ADC).

O livro está organizado em quatro capítulos – além da apresentação e das considerações finais – que perpassam a trajetória da ADC na perspectiva adotada, desde seu surgimento, enfocando as principais características e sua relação com autores(as) das Ciências Sociais. Por fim, apresentam práticas de análise com base na ADC, desenvolvidas pelas próprias autoras, possíveis em discursos contemporâneos. As categorias analíticas apresentadas no livro são organizadas por meio de figuras e quadros, um fator que facilita a leitura.

Nos temas específicos de cada capítulo vão sendo explicitadas as mudanças de enfoque feitas por Fairclough ao longo de sua produção³ sobre ADC. A primeira delas é apresentada como um modelo tridimensional de Análise do Discurso: a prática social, a prática discursiva e o texto propriamente dito. Já em uma produção posterior, Chouliaraki e Fairclough (1999 *apud* RESENDE; RAMALHO, 2006), passam a dar mais vazão à prática social em detrimento do

* Mestranda em Educação (PPGE/UFPR).

1 Professora do Instituto de Letras da UnB.

2 Professora do Instituto de Letras da UnB.

3 Os livros que embasam as mudanças principais são FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. New York: Longman, 1989; CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity*. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999; FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

discurso e do texto, já que para ambos, estes elementos são momentos dentro da prática social. O quarto capítulo é todo dedicado à mudança de enfoque mais atual de Fairclough: uma discussão em torno da recontextualização feita por ele em relação à teoria Lingüística Sistêmica Funcional de Halliday.

Voltando ao primeiro capítulo, em “Noções Preliminares”, são apresentados conceitos básicos da Análise de Discurso Crítica e principais contribuições teóricas. Inicialmente tem certa evidência o aporte de Bakhtin que, dentre várias contribuições, as de maior destaque são os conceitos de *gêneros discursivos* e *dialogismo*. Esses dois conceitos foram, com o tempo, considerados basilares para a ADC, além do que Bakhtin é, inegavelmente (conforme as autoras), um dos mais importantes representantes da Análise do Discurso, por ser o “fundador da primeira teoria semiótica de ideologia, da noção de ‘dialogismo’ na linguagem e precursor da crítica ao objetivismo de Saussure” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 14, destaques das autoras).

Em seguida, abordam a influência de Foucault para a Teoria Social do Discurso, por ser ele que reconhece no discurso o caminho para a compreensão sócio-histórica dos enunciados produzidos pelas instituições ou sociedades: “[p]ara a ADC, importam, dentre as discussões foucaultianas, sobretudo, o *aspecto constitutivo do discurso, a interdependência das práticas discursivas, a natureza discursiva do poder, a natureza política do discurso e a natureza discursiva da mudança social*” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 18, destaques das autoras).

O texto apresenta limitações da abordagem de Foucault: uma visão determinista do aspecto constitutivo do discurso e uma falta de análise empírica de textos. Tais características devem, portanto, ser aprimoradas para atender aos propósitos da ADC. Para tanto, antes de apresentarem as “adaptações” de Fairclough feitas em função do seu arcabouço teórico, optam por apresentar as origens do termo ADC, que aparece pela primeira vez em 1985 num artigo assinado pelo próprio Norman Fairclough e tem seus estudos intensificados a partir da década 1990, em um simpósio em Amsterdã em que diversos estudiosos de renome participaram⁴. Na continuidade, o caminho foi detalhar melhor os aspectos das proposições de Fairclough para a ADC na atualidade: a aproximação dos estudos linguísticos com as Ciências Sociais, a abordagem crítica de ideologia e o desenvolvimento de um quadro teórico-metodológico capaz de fundir aspectos de teorias sociais com análise do discurso. Esta proposta apoia-se em três pontos: em uma visão científica de crítica social, em um olhar sobre a modernidade tardia e na teoria e análise linguística e semiótica.

4 As autoras citam Teun van Dijk, Gunter Kress, Theo van Leeuwen, Ruth Wodak e o próprio Norman Fairclough.

O segundo capítulo, “Ciência Social Crítica e Análise de Discurso Crítica”, visa explicitar os pormenores envolvidos na produção do primeiro quadro teórico-metodológico de Fairclough e os deslocamentos feitos na produção com Chouliaraki. Utilizando Giddens para tratar dos conceitos de Modernidade Tardia, especialmente o de *reflexividade*, as autoras afirmam que “[d]evido à relação entre esses conhecimentos e o monitoramento reflexivo da ação, Chouliaraki e Fairclough (1999) sugerem que a reflexividade inerente à ação humana foi ‘externalizada’ na modernidade, ou seja, as informações de que os atores sociais se valem para a reflexividade vêm ‘de fora’” (p. 31, destaques das autoras). Esta mudança de olhar de Chouliaraki e Fairclough sobre a Modernidade Tardia é, segundo as autoras, influenciada por John B. Thompson, responsável por um amplo estudo sobre ideologia e meios de comunicação de massa, o qual associa tais meios com o poder de descontextualizar formas simbólicas do seu espaço original e reinseri-las em novos contextos, por meio de ideologias (no seu sentido negativo). Neste sentido, interpretar as formas simbólicas pode ser o caminho para se desvelar ideologias.

Nesse capítulo discutem-se as interinfluências da ADC com o Realismo Crítico, do conceito de prática social, da Teoria da Estruturação de Giddens, e dos conceitos de hegemonia (de Gramsci) e de ideologia (de Thompson), do qual é apresentado como contribuição o quadro de “modos gerais de interpretação da ideologia”. Também é abordado o conceito de identidade que tem estreita ligação com as classificações feitas pelo discurso e o Realismo Crítico e que surge para a ADC como um ponto de compensação nas lacunas deixadas por Foucault: por considerar a vida social como um sistema de várias dimensões, a análise científica deve ser responsável por revelar essas dimensões. E é nesse sentido que ADC se apropria deste conceito.

Do ponto de vista metodológico a discussão perpassa as correlações entre a metodologia da interpretação por meio da “hermenêutica da profundidade” proposta por Thompson (1990) em sua obra *Ideologia e cultura moderna* e o “enquadre para ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999)” que se divide em: percepção de um problema relacionado à distribuição assimétrica de poder e naturalização de ideologias; identificação de obstáculos para superar o problema (análise de conjuntura, análise da prática particular e análise do discurso); a função do problema na prática; os possíveis modos de ultrapassar os obstáculos; reflexões sobre a análise.

O terceiro capítulo, “Linguística Sistêmica Funcional e Análise de Discurso Crítica” destina-se a tratar da recontextualização feita por Fairclough sobre a Linguística Sistêmica Funcional (LSF) de Halliday. Na LSF, Halliday concebe três macrofunções presentes em textos: *ideacional*, *interpessoal* e *textual*. Esses elementos são inter-relacionados e, portanto, devendo ser analisados igualmente.

te. São justamente essas três macrofunções que Fairclough recontextualiza, sugerindo a cisão da *função interpessoal* em *identitária* e *relacional*. Esta divisão justifica-se pelo fato de ser importante, segundo Fairclough, enfatizar a constituição das identidades, já este fator está intimamente ligado aos modos de operação da ideologia, bem como às relações de poder e mudanças sociais. Somente na obra publicada em 2003, Fairclough apresenta as grandes mudanças feitas na LSF: “[...] ele propõe uma articulação entre as macrofunções de Halliday e os conceitos de gênero, discurso e estilo, sugerindo, no lugar das funções da linguagem, três principais tipos de significado: o significado acional, o significado representacional e o significado identificacional” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 59), em que o primeiro “focaliza o texto como modo de inter(ação) em eventos sociais” (p. 59), o segundo diz respeito às relações sociais e o terceiro “refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso” (p. 59).

A discussão segue pela análise de correspondências entre ADC e LSF. 1) A correspondência diz respeito ao *significado acional e gênero*. A explicitação de diversos gêneros e de elementos como intertextualidade, discurso direto e indireto, são indicados como fatores essenciais para a identificação das relações de poder, verificando quais vozes são incluídas e quais excluídas ou o uso de discurso direto ou indireto e as consequências para a valorização ou depreciação do que foi dito e daquele(as) que pronunciavam os discursos. 2) As correlações entre *significado representacional e discurso*. Os maiores destaques desta discussão são: os discursos têm maior ou menor atuação dependendo do grau de representatividade de seus atores sociais; a interdiscursividade torna-se essencial para se desvelar as perspectivas particulares e a escolha lexical que influenciam no discurso; e o conceito de “representação de atores sociais” (VAN LEEUWEN, 1997 *apud* RESENDE; RAMALHO, 2006) é essencial por ser possível identificar os posicionamentos ideológicos de quem profere o discurso. 3) Mais uma categoria de análise pertinente para o significado representacional é o “significado da palavra”, considerando que, segundo Fairclough, não há individualidade na escolha das palavras e a lexicalização de significados. 4) A correspondência entre *significado identificacional e estilo*. A análise parte da compreensão de identidade e diferença nos Estudos Culturais, por meio de Stuart Hall e Thomaz Tadeu da Silva, além de Castells, que afirma ser toda e qualquer identidade construída, cabendo, então, identificar “como, a partir do que, por quem e para quê isso acontece” (CASTELLS, 1999, p. 23 *apud* RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 77). Explicitam também as três formas de construção da identidade segundo Castells (legimadora, de resistência e de projeto), articulando-as com a ADC, juntamente com categorias elencadas para o significado identificacional. Dentre essas categorias, as autoras destacaram três para serem

abordadas: a avaliação, a modalidade e a metáfora. A primeira diz respeito às afirmações avaliativas (juízos de valor), às afirmações com verbos de processo mental afetivo (elas usam como exemplo “detestar”, “gostar”, “amar” algo) e as presunções valorativas (informações explícitas e implícitas). Modalidade é um conceito muito utilizado por Halliday que foi reelaborado por Fairclough, acrescentando que “o quanto você se compromete é uma parte significativa do que você é – então escolhas de modalidade em textos podem ser vistas como parte do processo de texturização de auto-identidades” (FAIRCLOUGH, *apud* RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 85). Por fim a discussão recai sobre a categoria “metáfora. Utilizando contribuições de Lakoff e Johnson (2002)⁵ é apresentado quadro no qual as metáforas são classificadas em: conceituais, orientacionais e ontológicas.

O capítulo final do livro destina-se a apresentar dois exemplos de análises pautadas na ADC. Ambas as autoras expõem um recorte de pesquisas próprias. O primeiro, de Viviane Ramalho, trata da invasão estadunidense ao Iraque no discurso da imprensa brasileira. A pesquisa foi dividida em: análise de conjuntura em que o discurso (uma faceta apenas) foi construído; análise de reportagens das revistas *Veja* e *Caros Amigos*, e entrevistas com os produtores dos textos e dos discursos do então presidente dos EUA, George W. Bush. O segundo exemplo, de Viviane Resende, trata-se de uma análise acerca do “discurso sobre a infância nas ruas na Literatura de Cordel” e apresenta as análises dos significados acional, representacional e identificacional. Conclui que “o texto analisado evidentemente não objetiva a legitimação da apartação, mas, pela internalização desse discurso, acaba por fazê-lo” (p. 143).

A obra termina com seus objetivos cumpridos. Nas considerações finais são apontados três: discutir de modo mais acessível à ADC, levando-se em conta que outros profissionais além de linguistas a utilizam; propor um tratamento da linguagem diferenciado, considerando-a como processo e produto social; aproximar a Linguística das Ciências Sociais. Tais objetivos são atingidos pelo livro.

O que resta aos espaços acadêmicos e aos especialistas das Ciências Sociais e Linguística são reconhecer o quanto o rompimento dos limites entre essas duas disciplinas pode contribuir para a interpretação das relações sociais que, de alguma forma, produzem e reproduzem modelos hegemônicos. Ambos, neste sentido, têm muito a ganhar com este processo. E este livro consegue demonstrar esta possibilidade.

5 LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

REFERÊNCIAS

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.